

JOVENS PRATICANTES DE SKATE E SEU COTIDIANO

Marcelo Rampazzo¹
Marco Paulo Stigger²

RESUMO

Nessa pesquisa, focamos os jovens e seu cotidiano, trazendo elementos que discutem o lazer, família, educação e trabalho. Pesquisa realizada com um grupo de jovens *skatistas*, numa pista pública de *skate* na cidade de Porto Alegre - RS. Foram ao todo nove meses de observação direta, cada qual relatada em Diários de Campo. Procuramos compreender como o lazer dos jovens que se dava pela prática do *skate*, se relacionava como outros aspectos de seu cotidiano. Após concluir o trabalho, consideramos que - para se manter na prática do *skate* - os jovens necessitam conciliar as cobranças de suas famílias, além das rotulações e estereótipos impostas de fora do universo de praticantes desse esporte. Percebemos, ainda, que os jovens passam por tudo isso com o propósito de manter seus "projetos" no *skate*.

Palavras-chave: Jovens; Cotidiano; Esporte; Skate; Lazer

-
- 1 Mestre em Movimento Humano. Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Canoas, Rio Grande do Sul/Brasil. E-mail: rampazzo1842@yahoo.com.br
 - 2 Doutor em Ciência do Desporto. Professor orientador do Programa de Pós-graduação em Ciências do Movimento Humano. Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Porto Alegre, Rio Grande do Sul/Brasil. E-mail: stigger.mp@gmail.com

INTRODUÇÃO

O campo do lazer há alguns anos vem sendo um espaço propício para os debates da Educação Física como já apresentado nos trabalhos de Stigger (2002) e de Thomassim (2010). No interior desse universo de discussões, o presente trabalho aborda as questões presentes no cotidiano de jovens em suas práticas de lazer nos espaços urbanos. Esse é um campo de estudos que inclui, entre outras questões, a sociabilidade juvenil, tal como se pode notar nos trabalhos de Pais (1990), de Reckziegel (2007) e de Magnani e Souza (2007).

É nesse sentido que este trabalho foi desenvolvido, procurando compreender e aspectos que dizem respeito à sociabilidade no lazer de jovens praticantes de um esporte bastante conhecido, porém também vinculado a estereótipos em diferentes contextos da sociedade em que vivemos. Procuramos, então, compreender como o lazer dos jovens que se dava pela prática do *skate*, se relacionava com outros aspectos de seu cotidiano. Para isso recorreremos à pesquisa etnográfica, em que a convivência dos pesquisadores com jovens praticantes de *skate*, nos levou a perceber dois distintos grupos, que utilizam uma mesma pista pública de *skate* na cidade de Porto Alegre.

O primeiro grupo já havia participado de pesquisa desenvolvida por Bastos (2006), formado por *skatistas* possuidores de certa condição de viver profissionalmente do *skate*, estes denominados de “Calças Largas”. O segundo grupo foi o que conseguimos maior proximidade para o desenvolvimento da investigação; era formado por jovens que tinham no *skate* uma prática no lazer, os quais, por sua vez, se autodenominam de “Calças Coladas”. Somente a partir da

proximidade com os jovens “Calças Coladas” passamos a reconhecer o seu ‘outro’ na pista, ou seja, os “Calças Largas”, cuja relação nos permitiu compreender as distinções existentes naquele universo.

Contudo, mesmo praticando este esporte no lazer, mesmo havendo diferenças, o grupo “Calças Coladas” também aspirava viver do *skate*, da mesma forma como os “Calças Largas” já o faziam. Por vezes tal pretensão não se sustentava apenas na prática do *skate*, e passava a repercutir na vida cotidiana daqueles jovens. Assim, tivemos como objetivo compreender como o lazer deste grupo de jovens (“Calças Coladas”) se constitui na inter-relação com outros aspectos de sua vida cotidiana. Já que para manter seus “projetos” de permanecer no *skate*, necessitam conciliar esta aspiração com outras dimensões de suas vidas cotidianas: a família, o trabalho, e a escola.

A compreensão dos “projetos” desses jovens perpassa por suas escolhas, aquilo que cada indivíduo aspira para si, sustentado pelas ações coletivas do grupo “Calças Coladas”, constituindo uma “conduta organizada para atingir fins específicos [onde] está-se lidando como um tipo de ato consciente, por mais que saibamos que este não surgiu do éter, mas de possibilidades socioculturais determinadas” (VELHO, 1999, p. 107). As expectativas do cotidiano que recaiam sobre os jovens recorrentemente influenciam seus “projetos” a partir da inter-relação do seu lazer, com sua vida cotidiana, principalmente no que se refere a relação dos jovens com a família, com o trabalho e com a escola.

Cada um desses aspectos do cotidiano está presente, em maior ou menor medida, nos trabalhos de diversos pesquisadores (VELHO, 1999; GUIMARÃES, 2005;

DAYRELL, 2007; LINS DE BARROS, 2010), no entanto, essa inter-relação pouco se identifica nos debates no campo da Educação Física, especificamente no que se refere às práticas de lazer dos jovens.

Tal lacuna nos levou a desenvolver esta investigação, que tem como questão norteadora a seguinte interrogação: como os significados do lazer se contrastam com outros aspectos do cotidiano dos jovens (a escola, o trabalho, e a família)? Essa é uma questão importante ao assumirmos que, para a compreensão de determinadas práticas cotidianas, elas não deverão ser identificadas isoladamente (PAIS, 1990), mas como parte de um contexto que lhe dá significado e a coloca em ‘algum lugar’ na vida das pessoas.

Afinal, em que pese esse exercício de compreensão das práticas cotidianas dos jovens – de forma não isoladas – consideramos importante dialogar com os trabalhos de Bourdieu (1983) e Velho (1999), esses que tratam das disputas de interesses e expectativas geracionais, e de ascensão social da família. Também nos aproximamos de Dayrell (2007) que destaca o trabalho e a escola como elementos socializantes dos jovens no mundo adulto, e ainda de Lins de Barros (2010), cuja reflexão se dá em torno da perda do significado da instituição escolar e do trabalho na vida dos jovens, ao mesmo tempo em que isso está entre as coisas almejadas por suas famílias.

ASPECTOS METODOLÓGICOS

Esse trabalho se deu ao longo de nove meses (julho/2011 – março/2012) na pista pública de skate do bairro IAPI (Instituto de Aposentadorias e Pensões dos

Industriários), em Porto Alegre. Trabalhamos à luz dos pressupostos da investigação etnográfica e de “suas técnicas de pesquisa que são singulares ao método da pesquisa qualitativa” (ROCHA; ECKERT, 2008, p. 9). Assim, realizamos setenta imersões no campo de pesquisa, onde foram desenvolvidas observações diretas no contexto, com registro de cada uma em diários de campo.

A fim de complementar as lacunas deixadas pela observação direta, recorremos a realização de duas entrevistas semiestruturadas. Uma delas foi empreendida com o patrocinador do grupo, o Rogério, considerando sua trajetória de vida, esta materializando um “projeto” na relação com o skate, do mesmo modo que os jovens “Calças Coladas” almejam. A outra entrevista contou com a participação de 7 jovens do grupo (Anderson, Everton, Janderson, Liédson, Luciano, Paulo, e Rafael) e foi realizada coletivamente, isto é, foram apresentadas as questões do roteiro e os jovens respondiam a elas conforme se sentiam instigados a responder. As entrevistas foram gravadas em áudio, transcritas e apresentadas aos interlocutores do estudo para que revisassem e conferissem as informações. Os nomes desses colaboradores foram substituídos por denominações fictícias, com o intuito de evitar possíveis constrangimentos decorrentes da publicação do estudo.

Diante das informações registradas nos diários de campo e nas entrevistas, passamos a um processo de análise interpretativa, pautada fundamentalmente pela noção de totalidade. No que se refere a essa noção, o propósito foi tornar inteligível um contexto inicialmente estranho para nós, o que fora feito não por um recorte empírico, mas pela descrição e análise “[...] de arranjos identificáveis que permitem descrever

alianças, *links*, redes” (MAGNANI, 2009, p.152). Esses arranjos, neste trabalho, foram apresentados na forma como o “projeto” do skate se articula com a vida cotidiana dos jovens, especificamente com família, com o trabalho e com a educação.

Por fim, a construção desta pesquisa procura encadear como as dinâmicas do cotidiano dos jovens no skate (com seus “projetos”) se articulam com as outras dinâmicas de suas vidas: *skate-família*; *skate-trabalho*; *skate-escola/educação*.

Os jovens e suas famílias: aspirações, desencontros, conflitos e “apoio”

Para os jovens “Calças Coladas”, a família (parentes, pais, mães, tios, avós, etc.) aparece de forma secundária no contexto do skate. Por isso, possivelmente, os jovens consideram como família os amigos, que, junto com eles, ‘andam’ de skate. Nosso esforço, neste momento, foi compreender como as famílias se relacionam com o momento de lazer dos jovens no skate. Isso suscitou uma questão, que indagamos aos jovens na entrevista: como é a relação da família de vocês com o skate?

Lúcio: acho que isso aí já é um ponto de vista mais pessoal. Acho que cada praticante de skate tem uma família diferente, tem o que viveu e como trata a pessoa por ela andar de skate. [...] Aí, tipo, até pela visão da sociedade que coloca o *skatista* como drogado, marginal, arruaceiro, criminoso. Aí, acaba passando esse preconceito para dentro de casa, porque a mídia que coloca essa visão do *skatista*.

Everton: para tirar essa visão de quem anda de skate é drogado, na minha família eles pensam assim: “se tu anda de

skate é drogado”. Não faz nada, não ganha nada, e não é por aí. Muitas vezes, eu já ganhei prêmio e levei para casa. Virou em dinheiro, e virou comida (Entrevista 12/05/2012, grifos nossos).

O desencontro entre os “projetos” dos jovens de permanecer no skate, e os interesses dos adultos, em parte, pode ser compreendido como “muitos conflitos de gerações são conflitos entre sistemas de aspirações constituídos em épocas diferentes” (BOURDIEU, 1983, p.118). Subsidiados por essa noção de Bourdieu, interpretamos que as implicações (preconceito, cobranças e expectativas dos jovens, e sobre os jovens) se devem pelo conflito entre aquilo que os jovens “Calças Coladas” querem para si (“projeto” de manterem-se no skate), e aquilo que suas famílias queriam para eles.

Os jovens, aos poucos, vão assumindo funções, e ganhando responsabilidades maiores dentro das famílias, principalmente no que se refere ao auxílio no sustento das mesmas. “Pode-se ser jovem e adulto ao mesmo tempo” (LINS DE BARROS, 2010, p.89), e os seus pais, mães e outros adultos, que foram criados em outras gerações, acabam por reproduzir as expectativas sob as quais se desenvolveu a sua formação. Assim, quando exercem cobrança sobre os jovens, o fazem de acordo com as aspirações de suas épocas, que pouco atende aos interesses e “projetos” dos jovens “Calças Coladas”. Isso apareceu numa das conversas ocorridas na pista, quando um dos pesquisadores perguntou a Luciano, *skatista* que está desempregado, “até quando iriam as suas férias”. Mesmo sem que o pesquisador tivesse vinculado a pergunta à vida familiar do seu interlocutor, Luciano respondeu enfatizando diferenças entre

as suas aspirações e as da sua família: “Às vezes, minha mãe pega no meu pé, dizendo que ‘tá demorando muito essas férias’; que tenho que arrumar logo algo, um trabalho novo” (DC. 17/02/2012).

Algumas cobranças e expectativas partem da perspectiva dos adultos, e não necessariamente dos jovens, causando conflitos, e medem, até certo ponto, o desencontro entre expectativas dos adultos e expectativas dos jovens. Velho (1999), ao pesquisar conflitos e acusações em famílias de classe média na cidade do Rio de Janeiro, contribui, em parte, para entender o conflito entre as expectativas dos adultos e as aspirações dos jovens por nós estudados:

Resumindo os pontos essenciais dos conflitos e acusações, fica claro que os pais tinham expectativas e um projeto que se estendiam a seus filhos. Basicamente esperavam que a família continuasse ascendendo socialmente, prosperando e aumentando seu *status*. Esse processo se deu dentro de uma conjuntura histórica que reforça o projeto individualizante de família nuclear com a ampla veiculação de uma propaganda que enfatizava o consumo e o sucesso material [...] (VELHO, 1999, p.70).

Diante dessas controversas relações os jovens se sentiam em um ‘beco sem saída’³: aderiam aos anseios de suas famílias de começar a trabalhar e de ajudar no sustento de casa com recursos econômicos possibilitando a família uma possível ascensão social, ou, mantinham seus “projetos” de permanecer

no skate, com um “apoio”⁴ mínimo, ou até sem “apoio” algum, e de maneira precária. Como um dos jovens explicou:

Everton: tô preocupado, mas não é por causa da manobra!

Marcelo: o que é, então, cara?

Everton: é que além de estudar vou ter que arrumar um emprego, porque os patrocínios já não estão “apoando” muito. E se eu quiser manter minhas roupas e minhas coisas, vou ter que arrumar um trabalho para me bancar (DC. 27/02/2012).

Esse jovem, além de ver-se ‘obrigado’ a cumprir suas funções, responsabilidades no sustento da casa e da família, acaba não aderindo plenamente às expectativas adultas. Ele as subverte a seu favor, a fim de conciliar as expectativas adultas com seus interesses de se manter no skate. As expectativas que recaem sobre Everton eram basicamente relativas ao sustento da família com recursos econômicos. O jovem consegue, até certo ponto, cumprir com essa responsabilidade pelo skate, ou seja, a partir do momento em que conseguia premiações em eventos, “apoio” de alguns patrocinadores com patrocínios em dinheiro, e, principalmente, o “apoio” de seus amigos, ele conseguia contribuir no sustento de sua família. No entanto, a obtenção de recursos mínimos para seu sustento no skate e auxílio a sua família não eram suficientes para

3 Na ausência de uma palavra que expresse tal sentimento por parte dos jovens, recorremos a esta expressão, que remete a uma ausência, ou limite de possibilidades de soluções em determinada situação.

4 A expressão “apoio” é um termo nativo daquele contexto, que recorrentemente se refere, a uma forma auxílio, que supra as necessidades dentro do skate. De certa forma pode ser entendido como uma troca, entre algo que os jovens necessitam, e algo que outros querem dos jovens (trabalho, sustento, ganhos econômicos, exposição, divulgação de marcas, peças, etc).

atenderem as expectativas e as cobranças que partiam dos seus pais.

Da mesma forma que não se podia compreender um “projeto” como puramente individual, ou puramente coletivo, já que há constantes atravessamentos e sobreposições de um sobre o outro. Entretanto, percebemos que não se pode pensar em um “projeto” puramente do skate, já que este também acaba sendo atravessado por outros “projetos”, de outras dimensões da vida cotidiana dos jovens. Com isso, surgiu um caráter ambíguo na relação família-skate.

Um casal próximo a Lúcio, conversando com ele. O casal parecia se despedir. Quando o casal sai, pergunto para Lúcio: estes são seus pais?

Lúcio: sim, eles vieram me ver. O meu pai é brincadeira, ele chora mais que a minha mãe, quando me vê.

Em seguida Lúcio mostra os dois pares de tênis que ganhou de seus pais (DC. 17/12/2011. Última competição daquele ano, a uma semana do natal).

Lúcio: eu não sei quando volto para a pista, Tenho que trocar o *shape* (tábua do skate) antes, mas agora estou sem trabalho. E acho que minha mãe não vai comprar um para mim. E eu não gosto de vir para a pista, para ficar só olhando os outros, é que me dá angústia e, eu ficou louco para andar (DC. 06/01/2012).

Vou até onde Lúcio está sentado, e o cumprimento. Reparo que ele está com um *shape* novo e pergunto para ele:

Marcelo: consegui arrumar um *shape* novo?

Lúcio: sim, minha mãe comprou um novo para mim (DC. 15/01/2012).

Para Lúcio, a família manifesta-se por dois aspectos: (1) um importante alicerce na manutenção do jovem na prática do skate, o que se materializa no “apoio” da família para manter-se na prática do skate no seu momento de lazer; (2) um sentimento de preconceito advindo de seus pais, que se colocam em direção oposta aos seus “projetos” (isso é relatado em diversos momentos – inclusive em entrevistas – por diversos sujeitos participantes da pesquisa).

Assim como identificado por Pais (1990), nesse estudo as controversas relações entre os significados do skate para os jovens e para as suas famílias davam-se basicamente pelo skate ser percebido como algo “negativo” por parte dos adultos, se comparado ao trabalho, ou à continuidade nos estudos. Para as famílias, o skate, enquanto uma prática no lazer dos jovens, pouco seria capaz de ajudá-los a angariar recursos econômicos que contribuíssem no sustento, ou na ascensão social.

Conforme os jovens acompanhados nesta pesquisa, a imagem que suas famílias têm sobre o skate – e, por consequência, sobre eles mesmos – está ligada ao consumo de drogas e a marginalidade. Frente ao estereótipo criado pelas famílias e o não retorno financeiro imediato por parte do skate (por patrocínios, ou premiações de eventos), as cobranças e os conflitos intensificavam-se entre as famílias e os jovens “Calças Coladas”. No entanto, tal relação não se resumia somente ao conflito, já que vez ou outra as famílias contribuía com a permanência na forma de “apoio” aos jovens no skate. Do mesmo modo que as cobranças recaiam sobre eles, o acolhimento das famílias se fazia presente quando os jovens necessitam:

Marcelo: o que tu vais fazer em Canoas⁵?

Lúcio: eu voltei a morar com meus pais. É que antes eu estava morando junto com o Everton, e com a tia dele, mas cansei. Também, já fazia tempo que eu estava com saudades dos meus pais, e, aí, resolvi voltar para casa deles (DC. 17/12/2011).

Assim, as relações não eram simples, nem mesmo fáceis. Possivelmente, eram mais ambíguas e contraditórias, e mais árduas e complexas⁶ do que conseguimos descrever. Os jovens quase sempre expressam um sentimento que ia em direção oposta àquilo que suas famílias aspiram para eles. Possivelmente, daí recaia, com maior ênfase, por parte dos adultos, as cobranças sobre os jovens, para acenderem ao trabalho e/ou voltarem aos estudos.

Conforme observamos, as famílias não possibilitam aos jovens um momento livre de cobranças e de ascensão de suas responsabilidades familiares. Com isso, identificamos outros dois aspectos no cotidiano dos jovens: trabalho e educação. Esses aspectos se tornaram mais vistosos ao serem relacionados com os significados do skate para aqueles jovens.

O trabalho e a possibilidade de permanência no skate

Neste momento, a categoria trabalho passa a se evidenciar na relação com os significados do skate. Lembramos que os jovens “Calças Coladas” não vivem apenas

do skate, e que sustentam seus “projetos” de manterem-se nele através da rede de relações sociais e do “apoio” que buscam obter de vários lugares. Porém, a partir das cobranças e das expectativas que recaiam por parte de suas famílias, o “apoio” deixou de ser suficiente e o trabalho, para os jovens “Calças Coladas”, além de significar um rito de passagem, de adesão e de acesso ao mundo adulto, é uma possibilidade de ajudar no sustento da família (BOURDIEU, 1983). É pelo trabalho que os jovens sustentam suas condições materiais de continuar no skate.

A convivência com o grupo e as entrevistas com os jovens colocaram em evidência diversas situações que envolveram as suas relações com o trabalho. Nesses relatos os jovens expunham que – assim como na relação com as suas famílias – também ali enfrentavam preconceitos:

Marcelo: André, onde tu trabalhas?

André: em uma metalurgia, em São Leopoldo⁵

Marcelo: e o pessoal que trabalha contigo, sabe que tu andas de skate?

André: sim, todo mundo sabe. Inclusive, eles ficam falando: “tu vai se machucar andado de skate, e vai chegar aqui, na segunda, ‘todo quebrado’. Vai ‘botar’ atestado para não trabalhar, né, ô vagabundo”.

Quando ele faz esse relato, eu faço uma expressão de espanto. Nisso, André

5 Cidade da região metropolitana de Porto Alegre.

6 Entendemos a noção de complexidade por Gilberto Velho, que compreende a heterogeneidade social e cultural como: “uma coexistência harmoniosa ou não, de uma pluralidade” (VELHO, 1999, p.16).

continua relatando: pior que o pessoal lá da firma [empresa], toda sexta de noite, eles têm marcado futebol que a firma paga a quadra e tudo mais. Aí, tem uns que se 'quebram' no jogo, na sexta, mas ainda tem o sábado e o domingo para se recuperar, mas chegam todo 'detonado' para trabalhar segunda, e aí, 'botam' atestado. Mas eu já não posso fazer isso, porque se eu fizer *aí eu sou vagabundo!* Aí, as vezes, eu vou mancando para o trabalho, com as canelas todas roxas, mas não dou 'mole' de 'botar' atestado, *só para eles não terem motivos de me chamarem de vagabundo* (DC. 15/10/2011, grifos nossos).

O relato de André, dentre muitos outros semelhantes, evidenciam que ele, assim como outros jovens, além dos preconceitos e estereótipos provenientes da família, sofrem rotulações no local de trabalho. Possivelmente, diante dessas circunstâncias, os mesmos jovens, no primeiro contato que tivemos com o grupo, falavam que "o skate era um mundo deslocado de todo o resto" (DC. 15/10/2011).

Diante desse desencontro/deslocamento de perspectivas é que tais estereótipos recaem sobre os jovens "Calças Coladas". Pelo que André relatou, seu local de trabalho possibilitava um momento de lazer praticado pelo futebol, para os funcionários, ao final dos trabalhos da semana (sextas-feiras à noite). Compreendemos que o contraste (ou desencontro neste contexto) deu-se justamente pelas formas diversificadas que ele e, seus colegas de trabalho têm sobre o lazer, mais especificamente sobre qual esporte praticado no lazer seria positivo ou negativo, por assim dizer:

[...] muitas pesquisas e reflexões têm defendido que não se pode atribuir aos esportes apenas valores positivos

ou apenas valores negativos, por que, em primeiro lugar, o esporte se apresentaria de formar heterogênea, isto é, com múltiplos valores ou sentidos a ele associados pelos seus praticantes. Em segundo, a própria noção de positivo e negativo torna-se relativa em cada lógica cultural particular (THOMASSIM, 2010, p.267).

Frente a isso, estamos inclinados a interpretar que, no contexto de trabalho de André, não está em disputa qual é o esporte positivo e qual é o negativo, mas sim a concepção construída sobre o jovem *skatista*, classificando-o como marginal ou vagabundo; semelhante ao que apareceu quando descrevemos as relações dos significados do skate com as famílias dos jovens "Calças Coladas".

Se "o trabalho [também] faz a juventude" (DAYRELL, 2007, p.1109), então, no trabalho também há disputa entre aquilo que os jovens querem para si e aquilo que os colegas de trabalho, os chefes, demais empregadores, etc, esperam dos jovens enquanto trabalhadores, participantes daquele contexto. Como os jovens "Calças Coladas" relatam, o trabalho era uma das formas pelas quais se mantinham no skate, "mesmo que não tivesse nada a ver com skate" (Entrevista, 12/05/2012). Pelo trabalho, passam a colaborar no sustento de suas famílias, atendendo, em parte, as aspirações delas.

Contudo, esse espaço, por também fazer parte da juventude, parece-nos não ser asséptico de rotulações e de cobranças. As cobranças que recaiam eram basicamente ligadas à presença, à assiduidade, à falta não justificada (por uma lesão ou algo que a prática do skate pudesse proporcionar), mesmo que devidamente atestada. Essas cobranças eram assimiladas e reproduzidas

pelo jovem, a fim de não dar margem para ser rotulado no espaço de trabalho, por faltar em virtude de algo que tenha relação com o *skate*.

Os jovens, ao atenderem aos anseios e as expectativas que recaiam sobre eles, vindas do trabalho, acabavam por criar outro ponto de impasse: as limitações que o trabalho conferia ao *skate* e, por consequência, sobre o lazer dos jovens:

Anderson: vou ter que trabalhar segunda-feira, bem no feriadão! Isso não existe! Pelo menos não deveria existir! É um castigo para o cara, todo mundo indo para a praia, a galera vindo aqui para a pista, e eu tendo que ir trabalhar.

André, ouvindo as queixas de Anderson, completa: nos últimos finais de semana não vim na pista, pois tive que fazer algumas horas extras. Por isso, procurei ir mais a pista próxima de casa, já que estava trabalhando direto (DC. 12/11/2011).

Os relatos desses jovens possibilitam pensar o trabalho não só como uma mediação entre o lazer e o consumo (seja no sustento do *skate*, ou no auxílio às famílias), na qual se faz necessário que o jovem, por seus próprios meios, angariar recursos para desfrutá-los no lazer, mas também como condicionamento, e minimização do tempo livre. Sendo assim, o trabalho media o jovem a viver sua “Condição Juvenil” (DAYRELL, 2007), também limita seu tempo livre, bem como a convivência com seus pares. A partir dessa controversa relação, indagamos os jovens: como o trabalho se envolve com tempo livre que vocês têm para andar de *skate*?

Lúcio: tem dois lados. O trabalho, ele pode tanto ajudar como pode atrapalhar.

Tem gente que não tem patrocínio, aí não consegue sustentar o *skate*, e tem gente que trabalha para poder comprar peças e poder sustentar o *skate*. E, pelo outro lado, faz com que nós que estamos trabalhando, o período de trabalho para o pessoal da nossa idade, é de dia e não tem a noite! Então, acabam sendo jornadas de 8 a 10 horas de trabalho, não encontrando outro tempo para andar, a não ser de madrugada. E, aí, quando sai do trabalho para andar de *skate*, acaba ficando tarde. É um horário ruim para ti andar de *skate*, porque no outro dia tu vai ter que trabalhar de novo (Entrevista, 12/05/2012).

Pela minimização do tempo livre imposta pelo tempo de trabalho, a recorrência, na pista, por parte dos jovens praticantes, se intensifica aos finais de semana (finais de tarde se sexta-feira, sábados e domingos), feriados e férias. Os meses de verão também se tornam importantes por conta do ‘horário de verão’: o dia ‘mais longo’ favorece a prática do *skate* após a jornada de trabalho.

Nos finais de semana, os jovens praticantes procuram chegar à pista o mais cedo possível, e dela retiram-se apenas com o cair da noite, a fim de aproveitar o máximo de seu dia livre. O trabalho possivelmente seja a relação mais controversa identificada nesse contexto, quando relacionado aos significados atribuídos à relação entre o *skate* e outras dimensões da vida.

Everton: trabalho e *skate*, eu escutei isso de uma pessoa que me incentivou mesmo a andar de *skate*. Semana passada ele me falou isso: “ou tu anda de *skate*, ou tu trabalha”. Não tem como tu levar os dois. Tá certo, tu vai levando, tu vai trabalhar, vai ter dinheiro para adquirir peças, mas não vai ter tempo para evoluir no *skate*. Tô andando de

skate todo o dia, 24 horas. Aí, tu não trabalha, não tem dinheiro para comer. Não tem dinheiro para vir para a pista, não tem dinheiro para o transporte. Ou, tu trabalha e anda um pouquinho, ou, tu não trabalha e anda bastante, mas, aí, sem dinheiro, sem nada, e com um skate todo fu... (Entrevista, 12/05/2012, grifos nossos).

Se, por um lado, o trabalho possibilita aos jovens meios econômicos de consumir e de se manter no *skate*, por outro limita o tempo livre e, por consequência, a própria prática do *skate*. Talvez, a noção de mediação entre trabalho, lazer e consumo não seja suficiente para que possamos compreender a complexidade do contexto investigado. Isso se evidenciou pela entrevista com os jovens, que enfatizaram o caráter ambíguo e complexo da relação trabalho e lazer, desfrutado por eles no *skate*.

Além de o trabalho ser um espaço social que também faz parte da juventude, nele encontram-se situações que causam o desencontro de expectativas (DAYRELL, 2007). Enquanto os adultos esperam que os jovens cumpram, primeiramente, com seus afazeres laborais, os jovens concebem o trabalho como um meio de manterem-se no *skate*. Quando se colocam em disputa interesses opostos, os jovens acabam por subverter algumas lógicas impostas pelo trabalho.

Mesmo que os jovens busquem no trabalho uma forma de se manter no *skate* e de atender as aspirações de suas famílias, estão sujeitos a subversão de algumas lógicas do trabalho:

[...] as dificuldades provenientes das novas condições de inserção no trabalho, longe de produzirem um movimento de perda da significação do âmbito do

trabalho para estes sujeitos trabalhadores, levam a produção de novos e diferenciados significados, que refletem em grande medida no contexto que trabalham (GUIMARÃES, 2005, p.170).

Os jovens que trabalham (caso de André) procuram, no local de trabalho, se desvencilhar da imagem de vagabundo do *skatista*, refletem e reproduzem os anseios e as cobranças de seus colegas de trabalho. Lúcio não conseguiu desvencilhar-se de tal estereótipo, e passou a engrossar a lista dos desempregados. Por consequência, poderia se pensar que o desemprego significa para os jovens uma possibilidade de maior recorrência na pista, maior tempo livre para a convivência com os pares. Mas isso implica em outras estratégias dos jovens, para manterem-se no *skate* (o seu “projeto”) para além do trabalho. Com isso, a família dos jovens e a rede de relações que esses construíram na pista, passam, em parte, a suprir a lacuna deixada pelo desemprego.

Skate, juventude, educação e escola: faz sentido?

Neste tópico abordamos os significados do *skate* e sua inter-relação com a escola e a educação. Possivelmente, foi o mais árduo na produção dos dados pela observação direta, mas o mais significativo na entrevista coletiva com os jovens “Calça Coladas”. Antes de iniciar tal descrição, temos que levar em conta os apontamentos de Dayrell (2007) e de Lins de Barros (2010). Os autores tratam da relação do ensino médio e do ensino superior, respectivamente, e suas implicações na vida dos jovens que acompanharam em suas investigações. Em ambas as produções, consideram os estudos

como uma possibilidade de mobilidade social, pela ascensão social dos jovens e, por consequência, de suas famílias.

Se hoje há maior possibilidade de ascensão social via educação, essa possibilidade é apreendida e vivida de diferentes modos por jovens e por suas famílias. A trajetória familiar e as diferenças entre as gerações da família são absolutamente fundamentais para compreender o projeto elaborado pelos jovens, caracterizado por um duplo movimento: a transição para a vida adulta e a mobilidade de classe (LINS DE BARROS, 2010, p.73).

Tanto o ensino escolar de nível médio quanto o universitário preparam o jovem para o que ele venha a ser no futuro, ou seja, um “projeto” de adulto forjado pelo sistema educacional. Tal “projeto” atende as suas expectativas, da instituição escolar e das famílias, principalmente no que se refere ao acesso ao mercado de trabalho. Por vezes, as perspectivas futuras colidem com as necessidades iminentes, algo expressado por Lúcio:

Marcelo: tu estás estudando?

Lúcio: não, eu parei no último ano, no terceiro [do ensino médio], mas vou ver se esse ano volto a estudar, mas não o ano todo, quero ver se termino logo isso.

Marcelo: por que a pressa em terminar os estudos?

Lúcio: eu tenho que trabalhar né? Aí, não posso ficar o ano todo estudando, quero terminar logo (DC. 17/12/2011).

Os jovens “Calças Coladas” são um grupo em que apenas alguns concluíram o

ensino médio, e os outros, aos poucos, estão voltando aos estudos. Possivelmente, esse movimento vai ao encontro do que Dayrell (2007) apontou como o recente processo de democratização e de acesso, por jovens antes excluídos, ao sistema educacional. A amplitude de acesso aos excluídos acarreta outras situações, como o sentido que os jovens atribuem ao ensino médio.

O próprio sentido do ensino médio veio se transformando. Antes significava o caminho natural para quem pretendia continuar os estudos universitários. Agora, principalmente com a sua incorporação a faixa de obrigatoriedade do ensino, tornou-se também a última etapa da escolaridade obrigatória e, para grande maioria dos jovens, o final do percurso da escolarização (DAYRELL, 2007, p.1116).

Diante da possibilidade de conclusão dos estudos no ensino médio, já que o ensino universitário, naquele momento, estava longe das perspectivas dos jovens “Calças Coladas”, é que os jovens regressem à escola. Isso se deu muito mais pela possibilidade de obter uma formação comprovada pelo título conferido pelo sistema escolar, atendendo as cobranças que partem da possibilidade iminente de acesso ao trabalho e das aspirações advindas da família.

Mesmo que a escola seja uma instituição que confere titulações e aspirações, ela não atente plenamente as aspirações dos jovens (BOURDIEU, 1983). Por seus relatos, a escola/educação é mais um entre outros espaços sociais no qual os mesmos sofrem preconceitos e cobranças, além da produção de estereótipos vindos de fora do mundo do skate – da mesma forma como observamos nas inter-relações skate-família, e skate-trabalho. Os jovens não

desconsideram a importância da escola, ou, da educação, no que confere as aspirações e titulações formais. “Esses jovens já vivem sua juventude marcadas pelo signo de uma inclusão social subalterna, enfrentando as dificuldades de quem está no mercado de trabalho sem as certificações exigidas” (DAYRELL, 2007, p.1124). Diante disso, regressam a escola a fim de obterem certas certificações.

Everton: tu não vai acreditar no que eu fiz!

Marcelo: o que houve?

Everton vai até sua mochila, pega um papel e entrega a mim. Eu o abro. Trata-se de um atestado de solicitação de matrícula em seu nome, para o ingresso no primeiro ano do ensino médio. Eu o parabeno, e pergunto:

Marcelo: o que aconteceu para tomares a decisão de voltar e estudar?

Everton: era muita pressão e *stress* em casa (DC. 27/02/2012).

Pela educação formal ofertada pela escola, os jovens se respaldam em suas aspirações. Possivelmente, no intuito de legitimar essas aspirações é que os jovens procuram, aos poucos, voltar ao sistema escolar. Entretanto, o regresso ao sistema escolar não é simples, pois, quase sempre a escola não está preparada para recebê-los. “Parece que a instituição escolar torna-se parte dos problemas que ela se propôs a resolver. [...] Será que a escola ‘faz’ a juventude? É com esse olhar que temos de analisar a relação da juventude com a escola” (DAYRELL, 2007, p.1118). Com o propósito de compreender essa relação, e

considerando esse grupo peculiar de jovens praticantes de *skate*, elaboramos a seguinte questão, durante a entrevista com o grupo: qual a influência da escola/educação no *skate*?

Lúcio: [...] eu ainda não vi nenhuma escola que tem em Educação Física um horário livre para tu pegar um *skate* e andar na quadra. Então, eu acho que a escola, não só a escola, mas as pessoas tem um preconceito com o esporte [*skate*].

Luciano: por experiência própria, eu não digo que dá reincidência, porque o *skate* me atrapalhou muito na escola. Por eu estar pensando muito no *skate*, e deixar as matérias de lado, estudar para a prova. Até minha mãe, assim, já reclamou muito de mim, que eu saio cedo de casa, volto tarde e acabo não fazendo as tarefas do colégio (Entrevista 12/05/2012).

Os sentidos que os jovens comungam, seja em relação ao trabalho, a família ou a escola, são referentes ao preconceito que cada um desses espaços confere a eles, enquanto jovens *skatistas*. Todos esses relatos, até certo ponto comungados pelos jovens, explicitam a distinção entre suas aspirações e as expectativas que recaem sobre eles por parte dos adultos, sejam vindas das famílias, dos colegas de trabalho, ou, da escola, como podemos observar. Com isso, a escola (assim, como o trabalho e a família) é significada pelos jovens como mais um espaço de rotulação, acabando por limitar o convívio dos jovens com seus pares no lazer e na prática do *skate*.

O problema que percebemos interpretando os relatos dos jovens e contrastando com o debate teórico, é que a instituição escolar pensa, e prepara o jovem para o que ele venha a ser no futuro, uma espécie de “projeto” de adulto (BOURDIEU, 1983;

DAYRELL, 2007; LINS DE BARROS, 2010). A escola pouco se preocupa com o jovem pelo que ele é hoje. Mas sim, com o que ele venha a ser no futuro. Com isso, há um sentimento de perda por parte dos jovens “Calças Coladas”, pois a escola pouco lhes faz sentido, a não ser pela possibilidade de certificação.

Portanto, como Bourdieu (1983) afirmou, a escola manipula e legitima as aspirações ao conceder títulos. A partir dos elementos descritos, a significância da escola, para estes jovens, se refere a dois pontos elementares para essa compreensão: (1) certificações concedidas pela instituição escolar; (2) limitação imposta pelo tempo escolar ao convívio com seus pares no lazer, e, por consequência, na prática e aperfeiçoamento no skate. Igualmente, a escola acaba sendo significada como mais um espaço de limitação do tempo livre – da mesma forma como descrevemos na relação dos jovens com o trabalho – e ainda um espaço de rotulações impostas de fora do mundo do skate, da mesma forma como observamos com as famílias, e nos locais de trabalho desse grupo de jovens praticantes de skate.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base no estudo que desenvolvemos num universo particular, entendemos basicamente que a família dos “Calças Coladas” se apresenta como um espaço social no qual os jovens significam e expressam o desencontro de suas aspirações. Aquilo que os jovens querem para si, e aquilo que suas famílias querem para eles, pouco tem afinidade.

Essa situação, e as cobranças que recaiam sobre os jovens por parte das famílias, faz com que os “Calças Coladas”, em parte, atendessem a tais cobranças, mas também, em outros momentos, que as subvertessem na busca da prática do skate. Havia, ainda,

uma heterogeneidade dos significados, no que se refere às cobranças. Os adultos, apesar de exercerem tais cobranças, acabam por conferir um “apoio” aos jovens, quando necessário. Percebemos que tais relações não eram simples, ou fáceis, possivelmente eram mais ambíguas e mais árduas do que conseguimos descrever.

Compreendemos ainda, como os jovens significam o skate em relação ao trabalho. Nessa direção os jovens, quando aderem ao trabalho, no primeiro momento, o fazem com o intuito de contribuir no sustento de suas famílias, atendendo as aspirações vindas dos adultos. Contudo, os jovens significam o trabalho como outra maneira de se manterem no skate. Ou seja, quando o “apoio” da rede de relações na pista, ou das famílias, não é suficiente para que eles se mantenham no skate, o trabalho fora do universo do skate possibilita a manutenção do “projeto” de permanecer no skate além atender às aspirações da família.

A educação a que nos referimos é a educação formal, que concede titulações e certificações em instituições de ensino (escola). As certificações atendem às aspirações vindas das famílias, e a escola enquanto instituição acaba por conferir e legitimar essas aspirações. O que percebemos, interpretando os relatos dos jovens, e contrastando com o debate teórico é que, a instituição escolar pensa, e prepara o jovem para o que ele venha a ser no futuro, um “projeto” de adulto.

O que podemos perceber é que os jovens têm um sentimento de perda em relação a escola, a não ser quando percebem a possibilidade de certificação que ela proporciona. Efetivamente, a significância da escola para os jovens se refere a uma limitação no convívio com seus pares no lazer e, por consequência, de prática e aperfeiçoamento no skate, algo que se assemelha na relação trabalho-skate. Assim,

a escola acaba sendo significada como mais um espaço de limitação do tempo livre, e também, um espaço de rotulações impostas de fora do skate, da mesma forma como ocorreu com as famílias, e, no local de trabalho dos jovens “Calças Coladas”.

REFERÊNCIAS

- BASTOS, Billy Graeff. **Estilo de vida e trajetórias sociais de skatista: da “vizinhança” ao “corre”**. 2006. 174p. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humanos, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2006.
- BOURDIEU, Pierre. A “juventude” é só uma palavra. In: **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro; Editora Marco Zero Limitada, 1983. p. 151-160.
- DAYRELL, Juarez. A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Educação e Sociedade, Campinas**, vol. 28, n. 100 – Especial, p. 1105-1128, out. 2007. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>> Acesso em 28/07/2011.
- GUIMARÃES, Nadya Araújo. Trabalho: uma categoria-chave no imaginário juvenil?. In: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni. **Retratos da juventude brasileira: Análise de uma pesquisa nacional**. São Paulo, Editora Fundação Perseu Abramo, 2005. p. 149-174.
- LINS DE BARROS, Myriam Moraes. Trajetórias de jovens adultos: ciclo de vida e mobilidade social. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 16, n.34, p.71-92, jul./dez., 2010.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 11-29, 2002.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. Etnografia como prática e experiência. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, a. 5, n.32, p. 129-156, jul./dez., 2009.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor; SOUZA, Bruna Mantese (Orgs.). **Jovens na metrópole: etnografias de circuitos de lazer, encontros e sociabilidade**. São Paulo: Terceiro Nome, 2007.
- PAIS, José Machado. Lazeres e sociabilidades juvenis – um ensaio de análise etnográfica. **Análise Social**, vol, 25 (108-109), (4º e 5º) p. 591-644, 1990.
- RECKZIEGEL, Ana Cecília de Carvalho. Restinga Crew: dança de rua, sociabilidade e lazer. In: STIGGER, Marco Paulo; GONZÁLEZ, Fernando Jaime; SILVEIRA, Raquel. **O esporte na cidade: estudos etnográficos sobre sociabilidades esportivas em espaços urbanos**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.
- ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; ECKERT, Cornélia. Etnografia: saberes e práticas. In: PINTO, Celi Regina Jardim; GUAZZELLI, Cesar Barcellos (orgs.). **Ciências humanas: pesquisa e método**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.
- STIGGER, Marco Paulo. **Esporte, lazer e estilos de vida: um estudo etnográfico** / Marco Paulo Stigger – Campinas, SP: Autores Associados, chancela editorial Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE), 2002. – (Coleção educação física e esportes).
- THOMASSIM, Luís Eduardo. **O “Público-alvo” nos Bastidores da Política: um**

estudo sobre o cotidiano de crianças e adolescentes que participam de projetos sociais esportivos. 2010. 297p. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Ciências do Movimento Humano, UFRGS. 2010.

VELHO, Gilberto. **Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea.** – 5.ed. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999 (Antropologia social).

YOUNG SKATEBOARDERS THEIR EVERYDAY

ABSTRACT

In this research, we focus on young people and their daily lives, bringing elements discussing leisure, family, education and work. Research conducted with a group of young skaters in a public track skating in the city of Porto Alegre - RS. In a total nine months of direct observation, each reported in Field Diaries. We seek to understand how the leisure of young people who gave the practice of skateboarding, was related to other aspects of their daily lives. After completing the work, we consider that - to remain in practice the skateboard - young people needed to reconcile the charges of their families, in addition to labels and stereotypes imposed from "outside" the universe of practitioners of this sport. We noticed also that young people go through all this in order to keep their "projects" on the skateboard.

Keywords: Young; Everyday; Sport; Skateboard; Leisure

JÓVENES PRATICANTES DEL SKATE Y SU VIDA COTIDIANA

RESUMEN

En esta investigación, nos centramos en los jóvenes y su vida diaria, con lo que los elementos en discusiones sobre ocio, la familia, la educación y el trabajo. Investigaciones llevadas a cabo con un grupo de jóvenes practicantes del skate en una pista de patinaje pública en la ciudad de Porto Alegre - RS. En un total de nueve meses de la observación directa, cada informó en Diarios de Campo. Buscamos entender cómo el ocio de los jóvenes que dieron a la práctica de skate, estaba relacionada con otros aspectos de su vida cotidiana. Después de completar el trabajo, consideramos que - permanezca en la práctica el consejo - los jóvenes necesitan para conciliar los cargos de sus familias, además de etiquetas y estereotipos impuestos desde "fuera" del universo de los practicantes de este deporte. Notamos también que los jóvenes pasar por todo esto con el fin de mantener sus "proyectos" en el skate.

Palabras clave: Juventud; Vida Cotidiana; Deporte; Skate; Ocio

Recebido em: novembro/2015

Aprovado em: junho/2016